

PERCEPÇÃO DOS FORMANDOS DA ESCOLA NORMAL DE ALAGOA GRANDE/PB ACERCA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

(*Perception of normal school graduates from Alagoa Grande/PB about learning-teaching of Geography*)

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a percepção dos formandos do Ensino Médio, Modalidade Normal, em Alagoa Grande, acerca da disciplina de Geografia, suas potencialidades e objetivos, a partir das experiências vivenciadas na disciplina, ainda no Ensino Fundamental, e na formação profissional oferecida pela Escola Normal. A pesquisa evidenciou as dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem da Geografia, motivadas pela escolha inadequada das metodologias, num processo que se estende desde o Ensino Fundamental até o presente, requerendo dos professores uma maior reflexão sobre suas *práxis*. Também ficou claro que é de fundamental importância compreender as representações sociais dos alunos como aliadas no ensino, no intuito de que se perceba a importância do vivido nessa aprendizagem, como forma de entender-se melhor o mundo e suas múltiplas interações, numa proposta objetiva de ter-se uma Geografia mais humanista, fazendo com que a aprendizagem não seja alheia à vida dos alunos.

Palavras Chave: Geografia e ensino – Ensino-aprendizagem de Geografia – Representações Sociais e Ensino.

ABSTRACT

This article aims /to analyze the perceptions of high school graduates, Normal mode, in Alagoa Grande, about the discipline of geography, their strengths and goals, from experiences in the discipline, even in elementary school, and vocational training offered by Normal School. The research showed the difficulties involved in teaching and learning of Geography, motivated by the inadequate choice of methods, a process that extends from elementary school to the present, requiring teachers a greater reflection on their practice. It also became clear that it is of fundamental importance to understand the social representations of the students as allies in education, in order that they understand the importance of lived experience that learning as a way to understand yourself better the world and its multiple interactions, a proposal objective to have a more humanistic geography, so that learning is not alien to the lives of students.

Keywords: Geography and Education – Teaching and learning of Geography – Education and Social Representations.

Jonathas Eduardo Domingos Morais

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Rua Antônio Hipólito, 175 – CEP: 58388-000,
Alagoa Grande (PB), Brasil
Tel: (+55 83) 9103.6446
jedmorais@yahoo.com.br

Dra. Jossandra Araújo Barreto de Melo

Professora do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB
jossandra.barreto@gmail.com

INTRODUÇÃO

Historicamente, constata-se que a formação do currículo em Geografia passou por inúmeras modificações, passando de uma disciplina enclausurada em conceitos metodologicamente ultrapassados, de pouca relevância à vida em sociedade, chegando às modificações curriculares promovidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's que trouxeram mudanças para a Educação Nacional, sobretudo propondo a sistematização de uma Geografia Humanista na escola.

Como tendência atual dos estudos geográficos, pode-se mencionar a incorporação das representações sociais dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de Geografia como uma contribuição para a compreensão da relação existente entre o saber didático-pedagógico e a leitura de mundo apresentada pelos alunos. Entretanto, embora existam inúmeros trabalhos na literatura de prática de ensino de Geografia que comprovem tal importância, a exemplo de Callai (2002), Pontuschka et al. (2009), Kaercher (2004), dentre outros, é reconhecida a dificuldade de implementação dessa realidade no ensino, por motivos diversos, o que dá continuidade a uma Geografia escolar cujos conteúdos são alheios à realidade dos alunos.

Tendo em vista este entendimento e a representatividade da formação dos conceitos em Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o presente artigo objetiva analisar a percepção dos formandos do Ensino Médio, Modalidade Normal, em Alagoa Grande, acerca da disciplina de Geografia, suas potencialidades e objetivos, a partir das experiências vivenciadas na disciplina, ainda no Ensino Fundamental, e na formação profissional oferecida pela Escola Normal.

As contribuições desta pesquisa permitem o entendimento dos reais objetivos e potencialidades do ensino de Geografia na Educação Fundamental, ultrapassando a perspectiva de uma aceitação imposta no cotidiano escolar pelo currículo oficial, a partir da convicção de uma mudança de postura por parte das atuais e ultrapassadas práticas e metodologias que persistem na aprendizagem escolar, que distorcem os reais objetivos da Geografia e que constituem deficiências que podem ser remetidas desde as lacunas na formação dos professores ao processo de inferiorização da disciplina na escola.

A DIMENSÃO PERCEPTIVA E CULTURAL DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

A Geografia presente nos currículos passou, ao longo tempo, por mudanças em suas características. De uma disciplina enraizada na descrição e memorização, sem contextualização social, passou a incorporar a dimensão cultural, valendo-se das representações sociais em que as categorias de análise produzem discussões.

Na atualidade, os desafios da cultura local vistos nas paisagens, na vida social e no espaço humanizado fazem perceber a relação de escala entre os espaços mais distantes e o lugar de vivência, nas modificações ocorridas na vida em sociedade, nas práticas sociais que modificam o ambiente, processos em que a Geografia Cultural dá sua contribuição, conforme citação de Cosgrove (2000, p. 34):

Em seus textos, os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza, e, sobretudo, os significados que a cultura atribui a sua existência e as relações com o mundo natural.

A partir do entendimento da contribuição da Geografia Cultural na análise do espaço geográfico, recorre-se à sua produção acadêmica buscando auxiliar na compreensão da vida em sociedade, estudando os distintos significados presentes no

espaço enquanto produção coletiva e, para dar suporte a este tipo de análise, utiliza-se da Fenomenologia, que leva em consideração a subjetividade do enfoque, possibilitando uma percepção espacial que possibilita o vivido/percebido ter uma interação com os aspectos da Geografia, conforme ressaltam Pereira et al. (2010): “a Geografia inspirada na Fenomenologia enfoca, de forma subjetiva, a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento.” (ibidem, p. 176).

No que concerne à Geografia escolar, é necessário que se compreenda a importância do aluno no processo de ensino-aprendizagem, não como um ser que chega a escola como uma folha em branco, mas como um indivíduo que traz uma riqueza de conhecimentos do seu cotidiano e que precisam ser valorizados na escola formal, rompendo com procedimentos de exclusão, conforme aborda Márcia Resende:

O aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo que o homem (aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a Geografia torna-se alheia a ele. (...) os alunos efetivamente chegam à escola com um saber peculiar sobre o espaço que faz parte de suas respectivas histórias, das múltiplas atividades que enchem suas vidas, seus espaços cuja lógica eles aprendem na própria carne (RESENDE, 2007, p.83).

Dessa forma, cabe aos professores valorizarem o espaço vivido dos alunos e integrá-los na construção de uma aprendizagem geográfica que, de fato, valorize a subjetividade. É necessário entender sua história de vida e compreender que a Geografia como ciência e como disciplina escolar, sem distinção, serve para ajudar a refletir sobre as mais tênues discussões sociais.

É possível correlacionar o espaço geográfico com o conhecimento prévio dos alunos, propor e objetivar uma Geografia criativa, questionadora das questões sociais e culturais relacionando os espaços próximos aos mais distantes, numa perspectiva de aprendizado do conteúdo da própria disciplina numa metodologia menos pragmática, conforme compreensão de Callai (2002, p. 93).

Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor e de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma “consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que travam o mundo.

Entretanto, muitas vezes, essa integração não está presente. Ainda verifica-se que a antiga enumeração de dados, a centralização dos conteúdos nos livros didáticos, dentre outras práticas, impedem essa postura mais inovadora. Existe, atualmente, um vasto acervo de publicações na área que trazem à tona essa discussão, mas não raro observa-se esse negligenciamento na Geografia Escolar.

Outro aspecto que se deve considerar são as representações do modo de vida em sociedade, através da cultura, proporcionando um sentido amplo dessas discussões na Prática Pedagógica em Geografia, evidenciando-se um posicionamento de inserção de uma educação voltada às representações sociais e culturais do indivíduo. Percebe-se a contribuição da Geografia Cultural na citação seguinte:

Estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, admitir que a cultura esteja intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas

práticas sociais), um sistema simbólico e um sistema imaginário na construção da identidade espacial de um grupo (ZANATTA, 2008, p. 06).

É possível reconhecer essas representações presentes na construção do saber em Geografia, no entendimento formal onde a cultura, a relação da sociedade com o meio, a imaginação, a concepção de paisagem e lugar, as representações espaciais estão correlacionados aos objetivos da Geografia e coincidem com as discussões da Geografia Cultural, proporcionando uma troca de referenciais teórico-metodológicos na aprendizagem geográfica.

A compreensão do lugar e a apropriação do mesmo como recurso para as aulas de Geografia são constantemente mencionados na literatura geográfica. É necessário estudar o lugar para compreender o mundo, bem como as relações existentes entre o local/global e relacioná-las com a aprendizagem construtiva dos alunos, a subjetividade, as experiências baseadas nas discussões da sociedade em que o mesmo vive.

Essa percepção de espaço está ligada à experiência vivida, a um espaço que, de certa forma, a experiência vivida seleciona e ordena. Assim, ganha ou não importância nesse espaço (ao contrário da hierarquia estabelecida de fora para dentro na transmissão escolar do espaço geográfico) aquilo que objetivamente adquire importância na trajetória vital de cada um (RESENDE, 2007, p. 86).

Considerar o espaço vivido na construção desse saber é um desafio na educação, nos questionamentos docentes e discentes. Nas aulas de Geografia, apresenta-se a disciplina escolar e seus conteúdos, metodologias, estratégias, avaliação entre outros meios didáticos a fim de que o aluno alcance a aprendizagem acerca do meio urbano ou rural, por exemplo. Porém, é no discurso dos alunos que vivenciam ambas as situações que se encontra a consistência dessa realidade, o legado de cada um constitui os meios concretos desse processo, conforme entendimento de Callai (2002, p. 84):

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal, a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assumem a dimensão do espaço local.

O estudo do lugar na Geografia é entendido como o resultado das relações existentes no meio, onde muitas vezes buscam-se externamente as respostas para o cotidiano e, costumeiramente, encontram-se no contexto escolar e social os reflexos dos acontecimentos ocorridos em outras escalas, requerendo-se uma atitude mediadora que possa ressaltar essas relações e seus significados, conforme ressalta Zanatta (2008, p. 12), “por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas”.

Dessa forma, compreender o espaço vai além da percepção visual expressa na paisagem, está ligada ao espaço vivido, a percepção individual, as relações com o lugar e, por sua vez, a Geografia Escolar precisa de uma apreciação dos recursos que a própria sociedade lhe oferece para o ensino-aprendizagem, no sentido de ampliar a discussão das categorias geográficas e associá-las ao cotidiano.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA

Em sua perspectiva cultural, a Geografia procura compreender o mundo a partir do espaço vivido. Na escola, essa perspectiva apresenta a possibilidade de construção de uma escola veementemente mais cidadã, a partir das representações sociais dos alunos que podem ser compreendidas como “sistemas de concepções, imagens e valores que

têm seu significado cultural próprio e persistem independentemente das experiências individuais.” (MOSCOVICI *apud* STEFENON, 2007, p. 07).

O espaço representa um importante recurso e vivenciá-lo remete a essa contribuição para o saber. Nele, ocorrem às interações entre sociedade e natureza, os movimentos têm seu cunho social, a cidadania se faz presente. Esta categoria de análise da Geografia abrange um leque de possibilidades no estudo das representações sociais, conforme entendimento de Oliveira (2008, p. 154).

As experiências originadas dessas interações constituem o percebido e o vivido, e este é reconstruído em imagens pelas leituras produzidas na vivência com o ambiente. As experiências decorrem da manifestação das representações imaginárias dos indivíduos que constituem as idéias, os conceitos, os símbolos e são mentalmente elaboradas num contexto ideológico particular e projetadas pelo pensamento.

Através da percepção do espaço vivido pelos alunos, o professor pode incorporar tais experiências ao ensino-aprendizagem geográfica e fazê-las centro das discussões dos agravantes das situações sociais, a exemplo da moradia, acesso a terra, conflitos urbanos, dentre outros conteúdos para, a partir de então, poder embasá-los num pensamento plural e crítico, próprio da ciência.

Embora exista esta riqueza de possibilidades aplicáveis na *práxis* escolar, pode-se perceber uma dicotomia entre o “saber ensinado” e o “saber aprendido” na educação sistemática, sobretudo pela dependência excessiva em relação ao livro didático. As orientações metodológicas sugerem a busca de uma conexão entre a Geografia do livro didático e a vida do aluno, o bairro, as representações sociais do lugar onde está inserido, conforme experiência relatada por Nogueira (2004, p. 128):

As aulas de Geografia deveriam ter como ponto de partida, além do mundo vivido de cada um, como estaria sendo absorvido o conhecimento dos lugares, dado por informações de viagens, leituras de romances, livros policiais, mídia, etc.

As metodologias aplicadas ao ensino de Geografia precisam, antes de tudo, compreender os lugares e suas relações, em especial sócio-espaciais investindo na interdisciplinaridade, não apenas como forma de unir os conhecimentos, mas buscando enriquecer e correlacionar este saber tão presente e, ao mesmo tempo, tão distante do aluno, por falta de contextualização.

Consiste num desafio estabelecer, no âmbito escolar, um vínculo entre o espaço e sua produção/reprodução, num sentido de subjetividade coletiva que produz, através dessas interações, os mecanismos de entendimento e percepção do espaço vivido. O indivíduo (aluno) deve apropriar-se da consciência de sua posição de construtor e reprodutor dessas representações sociais, que se estendem a um sentido político, cidadão, social de sua realidade, conforme destaca Oliveira (2008, p. 166):

A aprendizagem geográfica se faz em torno das idéias construídas através das relações que os alunos estabelecem com o espaço vivido na sociedade em geral, em relação aos conteúdos curriculares desenvolvidos na escola e nas demais instâncias.

O sentido de pertencimento é que torna possível utilizar as representações sociais nas aulas de Geografia, por revelar a realidade como ela é. Essa realidade não deve ser comparativa, mas reflexiva, questionadora, de viés social/político, sobretudo porque a cidadania deve ter um exercício presente nessa aprendizagem.

O ensino de Geografia, nessa perspectiva, requer uma reflexão a respeito da sua função social, sobretudo porque o saber escolar necessita estar ligado ao saber espacial

buscando estimular a sua utilização no cotidiano escolar. Entretanto, pela falta de familiaridade com essas perspectivas mais integralizantes, percebe-se uma grande dificuldade, na comunidade escolar como um todo, no que diz respeito a essas possibilidades.

É urgente a necessidade de pensar-se uma Geografia que auxilie na formação dos cidadãos, que pluralize as discussões de cunho social, onde a escola seja o palco principal dessas situações, onde o papel dos educadores seja reafirmado como formadores e não apenas como transmissores de conteúdos. É preciso refletir a postura do professor de Geografia e voltá-la para objetivos mais condizentes com a cidadania, conforme ressalta Vesentini (2004, p. 31).

Não é possível formar cidadãos ativos sem haver uma cidadania ativa, que inclusive deve ser permanentemente expandida, enfim, sem haver uma sociedade democrática. E essa é uma tarefa para todos, não apenas para o professor. E é uma tarefa que não se ensina, mas se aprende conjuntamente, se aplica nas relações inter-humanas, inclusive no ensino.

A postura de um ensino que busca uma educação cada vez mais cidadã deve permear os objetivos de introduzir no âmbito escolar as reflexões das relações sociais de forma integrada, em constante transformação, mostrando ao aluno seu papel ativo na sociedade, responsável e comprometido historicamente. A Geografia Escolar deve colaborar nesse sentido, através das metodologias que avancem em um pensamento de ensino menos centralizador, no que diz respeito aos conteúdos escolares e mais reflexivo ao perceber o cotidiano como sala de aula.

Isso nos leva a uma prática interdisciplinar que atualmente é aconselhada pelas políticas educacionais, onde as distintas disciplinas presentes no currículo escolar podem desenvolver uma aprendizagem eficiente, objetivando otimizar os conteúdos e objetivos de cada disciplina, a partir da concepção de vivido. Dessa forma, as nossas representações sociais são presentes e marcantes no desenvolvimento de um projeto dessa importância, que traz um retorno a comunidade, ao observar na educação os frutos de nossas reivindicações.

O começo da prática interdisciplinar provém das informações dos próprios professores, com a emersão das representações sociais do grupo, dos objetivos disciplinares e do conhecimento dos conteúdos trabalhados, para só então definir o objetivo principal da pesquisa e partir para o planejamento de ações interdisciplinares (PONTUSCHKA et al., 2009, p.176).

A pesquisa é um dos alicerces da prática pedagógica e incentivá-la faz parte das ações educativas mais eficazes, proporcionando uma interação interdisciplinar entre o saber e o meio em que o aluno está inserido. O professor tem forte parcela de contribuição quando pesquisa e ajuda o aluno a construir uma atitude de pesquisa, um conhecimento reflexivo e dinâmico, estudando o meio através de suas próprias representações sociais, conforme entendimento de Hassler (2008, p. 05):

Cabe ao professor de Geografia aproximar-se de colegas de outras áreas, para enriquecer com mais subsídios a sua prática, fazendo um trabalho interdisciplinar em relação ao estudo do lugar; e no caso das séries iniciais, o próprio professor articular a aproximação dos diferentes saberes. Há várias formas de se trabalhar interdisciplinarmente, como o Estudo dos Temas Transversais, onde estudar lugares, territórios, paisagens e regiões pressupõem lançar mão de uma ampla base de conhecimentos que não se restringem àqueles produzidos dentro do corpo teórico e metodológico apenas da Geografia.

Essa articulação interdisciplinar objetiva entender que as barreiras conteudistas e pragmáticas das disciplinas precisam ser quebradas pelo conteúdo da vida de cada

aluno. O professor de Geografia tem um papel determinante nessa visão de leitura de mundo/vida, no sentido de que a Geografia traz consigo parte dessas discussões, mas que se complementam em outras áreas do saber através dessa interação.

Ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou de outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar investigações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve. No ensino básico, a presença de professores de vários componentes curriculares pode facilitar a efetivação de um estudo do meio, porque cada um deles possui uma formação específica necessária à compreensão do meio, objeto de estudo (PONTUSCHKA et. al., 2009, p.174).

Compreende-se que essa não é uma tarefa fácil, mas cabe aos professores a missão de compreender o verdadeiro papel da ciência geográfica no contexto de construção da cidadania e, dessa forma, procurar incorporar tais princípios às suas aulas.

A PERCEPÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR PELOS FORMANDOS DA ESCOLA NORMAL

Antes de serem futuros professores, os formandos passaram por inúmeras experiências enquanto alunos do Ensino Fundamental. Essa vivência ajudará a entender as lacunas que existem atualmente no Ensino de Geografia e compreender a origem das mesmas para evidenciar as práticas e desmistificar um posicionamento ultrapassado que ainda persiste em existir.

No resgate das experiências vividas pelos formandos, principalmente no tocante às metodologias utilizadas no ensino de Geografia e as contribuições oferecidas para suas práticas atuais, mencionaram que:

“A Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental não era uma disciplina separada e, no máximo, aprendíamos pontos cardeais, estações do ano, relevo.” (Formanda Karina Sousa da Silva)

“Era tudo na base da decoreba, os professores passavam os questionários, respondiam e mandavam estudar para prova.” (Formanda Carmem Joébia Sousa da Silva)

“Quando eu estudei o ensino fundamental era a matéria Estudos Sociais e eu tive a experiência de aprender o necessário para passar de ano.” (Formanda Josete da Silva Ferreira)

“Foi boa, mas poderia ter sido melhor, pois no tempo em que estudei o Ensino Fundamental, tudo era na base da decoreba, então acho que não foi muito proveitoso, o que aprendia, na maioria das vezes, se esquecia após a prova.” (Formanda Michelly Silva Sobral)

Pode-se considerar que a vivência da Geografia para esses formandos, no momento em que estudaram o Ensino Fundamental, não foi das mais proveitosas. Ficaram claras as dificuldades quanto às metodologias no momento em que os mesmos citaram a “decoreba” que, na linguagem escolar, refere-se às ultrapassadas técnicas de memorização dos questionários, infelizmente ainda presentes no cotidiano escolar.

Os formandos fazem referência aos Estudos Sociais comprovando as seqüelas deixadas pelas metodologias utilizadas pelos professores naquele momento, sem relação com a realidade, sem percepção do mundo vivido, com conteúdos desconexos. O que preocupa nessa retrospectiva é constatar que os Estudos Sociais e as metodologias utilizadas não estão distantes do cotidiano escolar, atualmente.

Considera-se necessário investir na formação dos professores, como forma de solucionar os problemas existentes na educação, não apenas geográfica, mas no todo. A Geografia tem muito a oferecer nesse sentido, por contribuir na construção de uma

aprendizagem significativa, que objetive a renovação através de um consistente referencial teórico-metodológico, conforme observação de Moraes (2007, p. 03):

As experiências vividas na Prática Pedagógica e observações acerca de como é ensinada a Geografia no Ensino Fundamental nos levou a fazer uma breve reflexão, que nossos alunos e professores da educação básica precisam entender a importância e o verdadeiro sentido do ensino da Geografia e assim conseguir desprender-se dos estudos decorativos, descritivos, sem nenhuma reflexão que contribua para a formação crítica.

Os conteúdos são importantes nesse contexto por auxiliarem para que se possa integrar a disciplina com a realidade e, a partir disso, construir uma postura cidadã. Os PCN's reforçam a importância da seleção desses conteúdos, ao permitirem essa visão coletiva da sociedade.

A aquisição desses conhecimentos permite uma maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva em relação ao seu lugar e aos contextos mais amplos, de escala nacional e mundial. Para tanto, a seleção de conteúdos de Geografia para o Ensino Fundamental deve contemplar temáticas de relevância social, cuja compreensão, por parte dos alunos, se mostra essencial para sua formação como cidadão (BRASIL, 2001, p.123).

Nas discussões efetuadas, são muito presentes os objetivos a serem alcançados na busca da aprendizagem significativa, como forma de valorizar o êxito do processo educativo. Procurou-se, neste momento, extrair dos formandos suas percepções acerca dos objetivos da Geografia. Quando indagados acerca do principal objetivo de se ensinar Geografia no Ensino Fundamental, afirmaram que:

“O principal objetivo é ensinar a passar o que tem no livro didático. Infelizmente é a realidade.” (Formando Ednaldo Carlos de Sousa)

“É conhecer melhor sobre nosso país e mundo através dos livros e mapas.” (Formanda Josete da Silva Ferreira)

“A Geografia como qualquer outra disciplina deve ter o objetivo de esclarecer os alunos seja com relação a natureza, os climas ou entendimento de um mapa qualquer.” (Formanda Givanilda)

“É mostrar que precisamos e que vivemos no mundo da Geografia como a visão de paisagens, planaltos, montanhas e para nos orientar através dos mapas.” (Formanda Ivonete de Oliveira)

Através do discurso dos formandos, é possível analisar o total desconhecimento quanto aos objetivos da Geografia Escolar, perceptível através das experiências oriundas das metodologias utilizadas tanto na época que estudavam as séries iniciais, quanto no período atual, demonstrando que a memorização e descrição dos fenômenos dissociados ainda é uma realidade vivenciada atualmente, fazendo com que a Geografia se constitua numa disciplina de pouca contribuição para a formação dos alunos.

Percebe-se que essa é a Geografia que domina o cotidiano escolar desses alunos. Por outro lado, as contribuições desses questionamentos são importantes para entender que as antigas práticas ainda estão presentes na atualidade, bem como discorrer sobre os motivos que impedem a renovação. Dentre estes, encontra-se o comodismo de alguns profissionais que permanecem enraizados no tradicionalismo e, por outro lado, as resistências àqueles que sentem a necessidade de mudança e encontram barreiras para desenvolver seu trabalho.

Ainda produzindo essas reflexões, procurou-se extrair dos formandos se eles observam que o Ensino de Geografia vem cumprindo seus objetivos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Eles argumentam que:

“Não muito, deveria mais ser mostrado, ensinado, pesquisado sobre a Geografia. O professor não dá aula como português, matemática e ciências deixa-a no escanteio.” (Formanda Ivonete de Oliveira)

“Não, devido a Geografia não ser ensinada com tanta importância quanto as matérias de português e matemática.”
(Formanda Katiane S. Rodrigues)

“Não, porque no meu estágio eu passei por cinco séries diferentes e notei que os professores ensinavam muito pouco a Geografia e deixava muito a desejar. (Formanda Josete da Silva Ferreira)

“Não, professores ensinam Geografia de forma muito vaga, onde passam questionários, os alunos decoram, fazem suas provas e logo após esquecem aquele assunto dado, porque não foram devidamente explorados.” (Formanda Michelly Silva Sobral)

Essas falas ajudam a perceber que as experiências obtidas no Ensino Fundamental somadas ao Estágio Supervisionado do Ensino Médio, Modalidade Normal, evidenciam o descaso com a Geografia Escolar, a inexistência de metodologias apropriadas, a incúria em valorizar algumas disciplinas e, automaticamente, desvalorizar outras.

O desejo de renovação da Geografia e sua reformulação para a escola não é atual, tem-se um século de estudos e análises dos descompassos e avanços da disciplina, as mais distintas vertentes que objetivam uma ação concreta de transformação. Estudiosos como José Veríssimo em “A Educação Nacional”, de 1985 e Delgado de Carvalho com “Methodologia do Ensino de Geographia”, de 1925 já discutiam a situação da Geografia e sua identidade, bem como a ineficiência das metodologias aplicadas naquele momento.

Partindo dessas constatações, entendemos que as permanências e mudanças nas metodológicas adotadas para o ensino de Geografia devem ser analisadas no bojo do desenvolvimento da história dessa disciplina escolar. E, mais precisamente, elas devem ser analisadas a partir da relação entre as propostas teóricas implementadas ou não e as práticas efetivas de sala de aula (ALBUQUERQUE, 2008, p.03).

Infelizmente, a situação não mudou muito, pois ainda persistem velhos problemas metodológicos. Entretanto, se intensificaram as publicações e a percepção de uma Geografia mais social, cidadã. Além disso, como ponto positivo, pode ser mencionado o processo de formação dos professores e o acesso a esse conhecimento, não pela obrigatoriedade dos cursos de formação, mas pela vontade do conhecimento, por entender a importância do professor-pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa efetuada, pôde-se perceber que as dificuldades encontradas em lecionar Geografia, expressas pelos formandos, podem ser traduzidas como reflexos de uma aprendizagem no Ensino Fundamental, que deixou sérias lacunas e não se pode aqui apontar culpados por essa situação, tendo em vista a conjuntura própria da ciência geográfica, a despolitização promovida pela substituição pelos Estudos Sociais, que ocasionou a formação equivocada dos professores da área, dentre outros aspectos que fizeram com que a área desfrutasse de pouca atenção no contexto escolar.

Por outro lado, a reflexão proposta não objetiva colocar a Geografia como a mais importante disciplina escolar, mas uma valorização do seu papel na construção da aprendizagem significativa dos alunos, buscando delinear seus objetivos e

potencialidades no cotidiano escolar. Afinal, é necessária a consciência da alfabetização geográfica para que se tenha através da educação uma leitura de mundo.

Ao debruçar o olhar sobre a pesquisa efetuada, é possível entender a percepção que os Formandos do Ensino Médio, Modalidade Normal têm das experiências vividas quanto a Geografia na Educação Básica, vista a partir de três pontos: quando alunos do Ensino Fundamental, através de uma disciplina baseada no tradicionalismo de suas metodologias; quando formandos do Ensino Médio, Modalidade Normal, a partir da necessidade de formação para ensinar Geografia no Ensino Fundamental; e, ainda nesse segundo momento, quando estagiários, onde sentiram a dificuldade de lecionar os conteúdos da Geografia, representando um reflexo das lacunas deixadas pela formação inicial.

Espera-se que, a partir dessas reflexões, seja possível perceber na formação dos professores, na prática pedagógica, nas discussões educacionais, uma postura de fato renovadora quanto ao ensino-aprendizagem em Geografia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBUQUERQUE, M. A. M. Um século de prática de Ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: XV Encontro Nacional de Geógrafos, **Anais...** 2008, Encontro Nacional de Geógrafos - O espaço não pára - por uma AGB em movimento. São Paulo: AGB, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 183 -103.
- COSGROVE, D. Mundo de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs); tradução de Tânia Shepherd. **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: ED. UERJ, 2000, p. 33 - 60.
- HASSLER, M. L. Contribuição Geográfica para o Estudo do Lugar. **Mercator**. Fortaleza, v. 16, nº 02, p. 01- 09, 2009.
- KAERCHER, N. A. Quando a Geografia Crítica pode ser um pastel de vento. **Mercator**. Fortaleza, v.03, nº 06, p. 53 - 60, 2004.
- MORAIS, J. E. D. Compreendendo o saber Geográfico, sua importância no Ensino Fundamental e na Prática Pedagógica do Professor de Geografia. VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor – **Anais...** UFU, Uberlândia, 2007.
- NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: Recurso Didático para o Estudo do Lugar. In: PONTUSKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. (Orgs). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 125 - 130.
- OLIVEIRA, M. M. de. O processo de ensino-aprendizagem na Geografia: uma revisão necessária. **Revista Terra Livre**, São Paulo, v.01, nº 30, 2008, p. 151 – 170.
- PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, A. P.; OLIVEIRA, I. S. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, nº 35, 2010, p. 173-178.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H.. Estudo do Meio: Momentos significativos de apreensão do real. In: PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 171 - 200.

RESENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, Jose William.(org.). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. São Paulo: Papirus, 2007, p. 83 -113.

STEFENON, Daniel Luiz. Geografia e Imaginário: Aproximação entre a Teoria das Representações Sociais e a Escola. In.: **II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 12, 2007, Salvador. Anais**. Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia da UFBA, Departamento de Geografia da UFPR. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 1-11. CD-ROM.

VESENTINI, Jose William. Educação e Ensino de Geografia: Instrumentos de Dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 14-33.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na Geografia. **Temporis (ação)**. Goiânia, vol.01, nº 09, p. 01- 12, 2008.

Trabalho enviado em Fevereiro de 2011.

Trabalho aceito em Maio de 2011.